

OS EFEITOS DA ESPECIALIZAÇÃO NA DEGRADAÇÃO SÓCIO-AMBIENTAL: NOVAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO*

MARLI TEREZINHA SZUMILO SCHLOSSER¹
ANTONIO THOMAZ JÚNIOR²

RESUMO: Pretende-se, neste artigo, pontuar alguns elementos que permearam os efeitos desencadeados no decorrer da sistematização da especialização agrícola em Marechal Cândido Rondon - Paraná. Este trabalho teve como objetivo avaliar a degradação sócio-ambiental, causada pelo uso de insumos físico-químicos. Estudou-se também, a atuação estratégica das indústrias no contexto das vendas dos aparatos modernos como: máquinas, implementos, agrotóxicos, etc. Enfim, as fontes norteadoras deste estudo, foram os noticiários jornalísticos, de onde foram extraídos os discursos produzidos e reproduzidos.

PALAVRAS-CHAVES: Especialização agrícola, Insumos, Degradação sócio-ambiental, Indústrias, Discurso.

THE EFFECT OF THE SPECIALIZATION IN DEGRADATION SÓCIO-AMBIENTAL: NEW FORMS OF ORGANIZATION OF THE PRODUCTION

ABSTRACTS: This article intends to punctuate some elements that permeated the effects unchained during the systematization of the agricultural specialization in Marechal Cândido Rondon - Paraná. This work had as its goal to evaluate the environmental degradation, caused by the use of physicist-chemist's materials. The strategic performance of the industries in the context of the modern apparatuses' sales like: machines, implements, poison, etc., has also been studied. Finally, the guiding sources of the study, have been journalistic news, from where the speeches produced and reproduced have been extracted.

KEYWORDS: Agricultural Specialization, Materials, Environmental Degradation, Industries, Speech.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema a modernização da agricultura na região Oeste do Paraná, no contexto dos efeitos da especialização e degradação sócio-ambiental. A área de estudo abrange o Município de Marechal Cândido Rondon, tendo como recorte cronológico o período de 1960 a 1980. A construção deste tema foi norteadora pela análise das fontes jornalísticas arquivadas na Rádio Difusora do Paraná. Sendo assim, a estruturação da modernização agrícola é estudada a partir das fontes jornalísticas, tendo como perspectiva a análise dos discursos produzidos por este meio de comunicação.

Ao propormos tal tema, torna-se relevante caracterizar a área que compreende este espaço: localizado no Extremo Oeste do Paraná — fronteira do Brasil com o Paraguai — o

* O presente trabalho foi extraído da dissertação de mestrado defendida em 2001. Esta é uma versão que com pequenas modificações integra o terceiro capítulo da dissertação da autora, intitulada: "Nas Ondas do Rádio: a Viabilização da Modernização Agrícola no Oeste do Paraná (1960-1980)", apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia da UEM, sob orientação do Professor Dr. Antonio Thomaz Júnior.

¹ marlisch20@hotmail.com

² thomazjr@stetnet.com.br

município de Marechal Cândido Rondon foi colonizado na década de 1950 pela MARIPÁ - Companhia Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S. A.. Recentemente, com os desmembramentos e subdivisões que ocorreram, surgiram outros municípios: Quatro Pontes, Mercedes, Pato Bragado, Entre Rios do Oeste, e cerca de 17% do total da área foram inundados pelas águas da represa da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Sendo assim, a área anterior, que era aproximadamente de 1.047 km², atualmente encontra-se reduzida para 747,1166 km², de acordo com dados divulgados pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Recursos Hídricos.

Ao indicar a área de estudo foi necessário considerar a fragilidade dos limites. A dinâmica discursiva exerce certa aproximação entre Marechal Cândido Rondon e o Extremo Oeste. Portanto, ao estudar a construção discursiva emanada pela Rádio Difusora, constatou-se que a sua atuação desliza por ondas sonoras de proporções geográficas relativas. O raio de alcance varia, pois ouvintes residentes no município podem não ouvir a rádio em questão, preferem a outra emissora (Rádio Educadora). A Rádio Educadora também tratou da temática em questão, mas não arquivou a programação. A Rádio Difusora é ouvida nas cidades vizinhas, inclusive no exterior (Paraguai). O conjunto das fontes indica uma fronteira móvel e não uma área limitada. Esse fato é fruto da característica da ação da rádio.

O procedimento metodológico adotado para selecionar as fontes do Frente Ampla de Notícias - FAN foi o seguinte: ao folhar os volumes um a um, observou-se que se tratava de uma tarefa longa, pois, com a ausência de índice de assuntos, foi necessário desenvolver leitura dinâmica de todas as reportagens, para posterior reprodução. A seleção das fontes do FAN foi realizada conforme a agregação das temáticas agrícolas. Cortes e paráfrases foram efetuados com o objetivo de encurtar as citações, retirar as redundâncias, ou ainda, às vezes, na mesma redação, havia várias temáticas acumuladas, extraindo-se, dali, o texto que atendia ao objeto de investigação.

A ADOÇÃO DE INSUMOS FÍSICO-QUÍMICOS E A DEGRADAÇÃO SÓCIO-AMBIENTAL

As estratégias das indústrias se estendiam em direção ao aumento das vendas, visando garantir a lucratividade de seus investimentos. Por outro lado, a agricultura ainda convivia com as incertezas climáticas, provocadas, principalmente, pelos períodos de estiagem ou de chuvas intensas. Todo o aparato tecnológico canalizava sua atenção para o lucro, desprezando as ações danosas que este provocava ao meio ambiente. Segundo Brum,

A indústria obteve benefícios com o progresso técnico-científico, enquanto a agricultura tem colhido frutos menores e ainda não conseguiu livrar-se de suas duas fraquezas básicas, que lhe aumentam o risco e a vulnerabilidade: os flagelos climáticos - secas, geadas, excesso de chuvas, granizo, etc. - que não aprendeu a prever com grau satisfatório de antecedência e exatidão, e os flagelos biológicos - doenças, pragas, etc. - para as quais não descobriu até agora métodos eficientes e eficazes de prevenção ou de cura, sem atentar contra a natureza (BRUM, 1983, p. 41).

Na região Extremo Oeste foram muitos os estragos provocados: rios e animais foram contaminados com a constante aplicação de venenos, inclusive o próprio agricultor. Este foi um procedimento inconseqüente, com resultados nocivos à natureza e ao ser humano. Mesmo assim, o uso dos chamados "defensivos" (veneno utilizado na eliminação de lagartas e percevejos) ainda continua. Mas, sabe-se que todos estes acontecimentos transformadores, identificados na região, possuem suas raízes centradas nas propostas implantadas pela "Revolução Verde" (produziu modificações nas atividades agrícolas com significativa

incorporação tecnológica) que, na prática, atendeu, principalmente, aos interesses econômicos do capital, sob a "falsa" justificativa da ampliação de alimentos para o mundo:

Atrás dos aparentes objetivos generosos e humanitários da "Revolução Verde" ocultavam-se poderosos interesses econômicos. A "Revolução Verde" configurou-se em recurso para ampliar, a nível mundial, a venda de insumos agrícolas modernos: máquinas, equipamentos, implementos, fertilizantes, defensivos, pesticidas, etc. Sem dúvida, esta foi uma forma inteligente de os grupos econômicos internacionais realizarem a expansão de suas empresas e de seus interesses com extraordinária rapidez e eficiência (BRUM, 1983, p. 65).

No que se refere à utilização dos defensivos agrícolas, para Guareschi o argumento é maquiado e legitimado, a partir da idéia de "novidade". E o novo é apresentado como "remédio" com o qual se resolveriam todos os problemas de produção. Essas inovações seriam também as causadoras de novos problemas surgidos no espaço modernizado, ou seja,

Um dos primeiros passos da *revolução tecnológica* consistiu na colaboração, de uma maneira universal e absoluta, do novo adubo orgânico, dos novos fertilizantes, das novas máquinas, dos novos inseticidas, como remédios miraculosos para o desenvolvimento, ou melhor, para o subdesenvolvimento do Terceiro Mundo (GUARESCHI, 1985, p. 22).

A forte presença de insumos nas práticas agrícolas provocou impactos no meio ambiente. Segundo Kageyama (1987, p. 33),

O uso continuado de inseticidas e fungicidas não só levou ao aparecimento de fenômenos de resistência, mas a multiplicação de pragas. A cultura de soja é o exemplo mais claro deste processo. No caso de herbicidas, a pauta de defensivos se rigidifica pelas mudanças na base técnica e, conseqüentemente, pelos efeitos do uso destes produtos sobre o mercado de trabalho, em muitos casos de culturas que se utilizam fundamentalmente do trabalho volante.

Os acompanhamentos constantes das atividades agrícolas pelos representantes da Secretaria da Agricultura de Marechal Cândido Rondon criaram um canal direto de comunicação entre Estado e agricultores. Isso fica visível nas solicitações realizadas pela população e encaminhadas à Câmara Municipal, quando é detectada a presença de algum tipo de praga na lavoura. Essa aproximação entre as duas instâncias serviu de estratégia para transformar a preocupação em solução, por meio da adesão do agricultor ao uso de insumos físico-químicos:

SOLUÇÃO PARA O CASO DA ENERGIA ELÉTRICA

Outro caso que mereceu atenção ontem à noite na reunião da Câmara é a preocupação popular em torno da disseminação das pragas que atacam o soja e a mandioca. Será procurada solução junto à Secretaria da Agricultura e a colaboração de entidades ligadas ao setor agrícola local (Frente Ampla de Notícias, v. 1, 14.11.66 a 28.02.67).

Sobre os incentivos dados ao uso excessivo de herbicidas, fungicidas e inseticida (homicidas?), pode-se destacar os problemas que assolaram o Paraná, onde o modelo adotado

se apresenta de forma mais sistematizada: o solo, os rios e o próprio homem foram contaminados de tal forma pela necessidade de aumento no uso tanto de fertilizantes quanto de insumos químicos que a qualidade de vida das pessoas que moram nestas regiões foi afetada drasticamente, gerando problemas sócio-ambientais incalculáveis à primeira vista.

Nesse sentido, cabe mencionar os problemas que os agricultores enfrentaram com as chamadas formigas "mineiras". No Rio Grande do Sul, essas formigas atacavam as lavouras e também as hortas, causando uma verdadeira devastação nas plantações, nas verduras e nas flores. Tãmanha era a preocupação, que os agricultores trouxeram com sua mudança um "fumegador", para se precaverem do ataque desse tipo de insetos no município. Assim, quando detectaram a presença dessas formigas, o alerta foi geral:

COMBATE A FORMIGA MINEIRA

Os vereadores Rudi Steolben e Lauro Weirich requereram ontem urgentes providências no sentido de proceder-se a um combate sistemático à praga da formiga que está crescendo de intensidade no município. A Região mais atingida é a de Mendes. É necessário um combate sistemático a essa praga para que não se produzam maiores prejuízos e não se alastre para áreas onde ainda não se conhece esse mal. A prefeitura vai tomar as providências que se fazem necessárias (Frente Ampla de Notícias, v. 1, 14.11.66 a 28.02.67).

O medo, causado pela presença de formigas mineiras na região, chamou a atenção dos vereadores e, logo, houve a preocupação em eliminar estes insetos, considerados no discurso como verdadeiras pragas. A solução apresentada foi a utilização de veneno. Isso facilitou a incorporação de agrotóxicos nas atividades agrícolas, sem contestação.

Em outra notícia jornalística intitulada "Visita de Representante da Secretaria de Agricultura", observa-se que a preocupação, com os produtos cultivados, abrangia órgãos mais distantes, mas que na prática estavam extremamente próximos, controlando as ocorrências verificadas no campo. Seus objetivos eram desenvolver e ampliar a produção. No que se refere ao caso das pragas da lagarta da mandioca e da soja, estas eram combatidas, muitas vezes, pela própria família dos agricultores que caminhavam pelas fileiras do mandiocal, cortando as copas das plantas, procurando, assim, evitar que a lagarta se alastrasse.

VISITA DE REPRESENTANTE DA SECRETARIA DE AGRICULTURA

Numa das últimas sessões ordinárias da Câmara Municipal desta comuna vários vereadores alertaram para a proliferação da lagarta da mandioca e da soja, com prejuízos para os produtores (Frente Ampla de Notícias, v. 1, 14.11.66 a 28.02.67).

Os sucessivos ataques das pragas tornaram-se motivo de preocupação e a rádio local abriu um espaço para que agricultores pudessem expor as dificuldades enfrentadas com as pragas. Cabe lembrar que as programações, direcionadas para o público rural, facilitaram o contato com os agricultores. E para evidenciar a interferência desses discursos no incentivo ao combate da lagarta através do uso de agrotóxicos, na notícia "Rugão ainda por aí" tem-se a seguinte fala: "É necessário que todos colonos estejam já de antemão munidos de venenos no caso destes rugões virem bater sobre suas lavouras". Nesse sentido, verifica-se a incorporação do uso de veneno, e não de soluções naturais, para o combate às lagartas.

Dias atrás, tivemos oportunidade de anunciarmos, sobre o rugão como é mais conhecido, e que a permanência nas lavouras vinha se tornando prejudicial. Julgávamos mesmo que somente este espécime era considerado sua existência em um local já anteriormente citado por nós, como sendo as adjacências do Estádio do Botafogo. Hoje aconteceu o imprevisto, o que não gostaríamos que tivesse

acontecido. Chegaram à nossa redação os senhores Hugo Freitag e Arlindo Solf, residentes no Arroio Fundo, e que trouxeram consigo vários desses espécimes que muito prejuízo vem causando principalmente nas plantações de mandioca. Nos trouxeram toda a escala de sua metamorfose, ou seja a sua transformação. Desde o mais novo deste inseto nocivo, até quando já existe a possibilidade do mesmo conduzir-se com o apoio das asas. Assim pudemos dizer, "Muito prazer, rugão, pois ficamos conhecendo todas as fases de sua maligna vida". Dizem-nos os visitantes que plantações de mandioca no Arroio Fundo foram arrasadas pela praga. Um fato curioso: [...] de acordo com proprietários daquela região, desde onde se criam, nos mandiocais, sua fome voraz é tida somente no sentido do Oeste para Leste, pois de onde se criam partem em busca da alimentação somente para o lado do sol nascente. Segundo nos informaram, deve-se de imediato quebrar o tronco de onde os insetos tiram suas parcelas de comida, pois caso contrário as plantações seriam prejudicadas ainda mais com uma peste que viria prejudicar sua lavoura. Com a quebra dos troncos da mandioca prevê-se daí um retardo nas plantações. É necessário que todos colonos estejam já de antemão munidos de venenos no caso destes rugões virem bater sobre suas lavouras (Frente Ampla de Notícias, v. 5, 15.10.68 a 20.03.69).

Visualizando alguns pormenores desta notícia, percebe-se que as relações de proximidade entre rádio e público são estreitas, de tal maneira que os agricultores apanharam algumas lagartas e levaram-nas à emissora, bem como detalharam o processo de reprodução do inseto e os danos que causam à plantação de mandioca. Os agricultores demonstraram alto grau de conhecimento sobre a devastação provocada pela lagarta, explicando, inclusive, a direção que a mesma segue, ou seja, o sentido Oeste-Leste. Uma das soluções apresentadas pelos agricultores no combate à praga, consistia na retirada da copada da planta. Utilizando esta técnica, o desenvolvimento da praga seria retardado. Na seqüência, foi sugerido aos agricultores que tivessem à disposição inseticidas para o combate ao "rugão". Nesse sentido, a fala determinava como solução para o problema o uso de venenos e sua estocagem na propriedade, tendo em vista a prevenção contra um possível ataque.

Os resultados provenientes do uso contínuo de venenos foram inúmeros. Mas os discursos em torno destes problemas e em torno da exaltação do uso dos agrotóxicos revelavam-se de acordo com determinados interesses. Nesse caso em especial, serão apresentados dois discursos relativamente opostos. O primeiro foi ao ar em 1974; já o segundo, foi apresentado em 1975. Mas, qual seria a novidade depois de tantos discursos apresentados? Ora, na notícia divulgada em 1974, o tema era as intoxicações ocorridas em grande escala na região. Sobre esse assunto, foram tecidos alguns comentários pelos engenheiros agrônomos e técnicos vinculados à cooperativa e à ACARPA – Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná. Na leitura feita pelo engenheiro a respeito dos fatos ligados às intoxicações, este "taxou veementemente de imprudência o que vem acontecendo, de pessoas levadas aos hospitais devido à intoxicação...". Cabe ressaltar que a forma mais comum utilizada no envenenamento das pragas, ocorria, a partir de um pulverizador costal com um pequeno tanque e uma mangueira, que, acionado por um motor, jogava veneno a uma distância de até 20 metros. O equipamento trazia, também, acoplado, uma mangueira com 30 metros de comprimento, perfurada, que era utilizada para o uso do veneno em pó. As atividades, que envolviam o envenenamento em pó, utilizavam a mão-de-obra de toda a família, inclusive das crianças. Assim, foram muitos os casos de mortes, causadas por envenenamento e eram comuns os acidentes graves com crianças e adolescentes.

ENGENHEIRO FALA SOBRE ENVENENAMENTO OCASIONADO

PELA PULVERIZAÇÃO OU POLVILHAÇÃO DA SOJA

Os últimos acontecimentos relacionados à intoxicação durante a pulverização ou polvilhamento da soja, vêm chamando a atenção de engenheiros agrônomos ou técnicos agrícolas de nossa região, especialmente da ACARPA e Cooperativa [...]. O engenheiro agrônomo que taxou veementemente de imprudência o que vem acontecendo, de pessoas levadas aos hospitais devido à intoxicação, disse ter se deparado há poucos dias com crianças de até 8 anos efetuando esse serviço, caminhando atrás do trator que estava passando inseticida, estando já o menor, com os cabelos e roupa brancos de pó. Inquirindo a criança a respeito, a mesma respondeu que não fazia mal. Isso não pode acontecer e o engenheiro apavorou-se com a resposta da criança que talvez nem estivesse sabendo com o que estava lidando (Frente Ampla de Notícias, v. 19, 21.09.73 a 04.03.74).

No ano de 1975, outra notícia fora divulgada com grande ênfase. Tratava-se da instalação de uma empresa no município que dispunha para venda uma "poderosa arma para a agricultura": um pulverizador, denominado de "Canhão".

UM CANHÃO PARA A AGRICULTURA

A Mercantil e Industrial G.K. Ltda, pelos seus dirigentes levaram nossa reportagem até as instalações da bem organizada empresa, para uma demonstração especial na manhã de hoje de uma poderosa arma para a agricultura, no combate às pragas. O objeto de uso agrícola se denomina mesmo CANHÃO e, acoplado a um trator agrícola, presta serviços espetaculares. [...] O novo e moderno implemento, cujo reabastecimento é automático, demorando apenas 4 minutos será utilizado na lavoura, sem causar o amassamento de plantas, aplicando inseticidas ou herbicidas com um jato que atinge mais de cem metros, à partir do rodado da máquina. [...] sem nenhuma modificação, o equipo pode ser utilizado em qualquer tipo de cultura. A máquina, segundo técnico pode ser utilizada substituindo a pulverização aérea e tem múltiplas utilidades com adaptações, quando a pessoa terá à disposição um esguicho para a lavagem de carro ou maquinário ou eventualmente para apagar um incêndio. Diretores da Mercantil e Industrial G.K., nos convidaram e especialmente os senhores agricultores para uma demonstração. [...] O baixo custo e o total financeiro colocam o novo equipamento à disposição do homem do meio rural (Frente Ampla de Notícias, v. 23, 31.07.75 a 14.11.75).

Imediatamente foram elencados os "benefícios" do novo equipamento junto às propriedades: não danifica as plantas, joga o veneno a longa distância e serve para todos os tipos de cultura. Mas, o argumento perigoso residia na informação dos técnicos, quando afirmavam que o equipamento poderia executar atividades semelhantes à pulverização aérea. As exaltações ao novo equipamento não pararam e afirmavam ainda que, com algumas adaptações, o pulverizador seria de grande utilidade na "lavagem de carro", "maquinário" ou "eventualmente para apagar um incêndio". Para despertar o interesse dos agricultores, o discurso chamou a atenção para as recomendações técnicas, as múltiplas utilidades do equipamento e a facilidade na obtenção do mesmo, pois, poderia ser totalmente financiado.

Os dois discursos revelam contradições discursivas. No primeiro (1974), o agricultor é taxado pelos técnicos de irresponsável e teimoso por não tomar os cuidados adequados para evitar que tanto ele, quanto sua família fossem intoxicados. No segundo (1975), tem-se, novamente, a fala dos técnicos, mas, desta vez, enaltecendo o equipamento chamado canhão e, para isso, usavam o poder que a formação técnica lhes oferecia. O uso do equipamento era recomendado tanto para a lavoura como nas atividades domésticas, tais como a lavagem de carros e outras atividades. Estas atividades, no entanto, colocavam a vida do agricultor em

perigo, já que os agrotóxicos mais comuns aplicados nas lavouras naquele período eram o *Gamelhar* (em pó) e o *LVC* (líquido). Este último era sistêmico, permanecendo por muito tempo junto à planta. Quando aplicado à soja, grudava em suas folhas, obrigando o agricultor a diminuir o ritmo, na tarefa de arrancar o mato e, em certos casos, impossibilitava a passagem, feita a pé, entre a plantação. Essa atividade era concluída somente após a queda das folhas.

Como se pode ver, a preocupação com a saúde do agricultor esbarrava nas necessidades de venda de equipamentos industrializados. Em determinados casos, o produtor era acusado de imprudência por utilizar-se de equipamentos que colocavam em risco sua saúde e de sua família. Em outros momentos, porém, as pessoas com formação técnica incentivavam a utilização destes mesmos equipamentos. Os discursos, dependendo dos interesses, seguiam caminhos opostos.

O regime militar brasileiro muito se aproveitou dessas ambigüidades quando no início da década de 70 mandou publicar no *Le Monde* de Paris o seguinte anúncio publicitário: "Industriais, venham poluir em nosso país, pois ainda é autorizado" (GONÇALVES, 1984, p. 40).

Esta falta de fiscalização das atividades, ligadas ao controle de pragas, feito através de insumos físico-químicos, favorecia a proliferação de produtos e equipamentos importados, devido às vantagens oferecidas a este tipo de atividade industrial em solo brasileiro. A teoria nos dá a lente para enxergar o objeto deste contexto. Para Martine (1989, p. 49),

a imagem do novo, do técnico, do moderno, do empresário, tudo que representa um obstáculo ao "moderno" deve ser rejeitado, desprezado ou atacado. Os meios de comunicação de massa quase nada dizem a respeito de outros tipos de movimentos ou grupos de interesses no campo, a não ser para criar o temor da desordem, da bagunça, da ilegalidade e da ameaça representada por eles.

Os discursos elaborados para atender interesses de determinados grupos, após serem transmitidos, eram gerenciados e aplicados à prática de interesses de outros, causando

os problemas ecológicos decorrentes de um processo de modernização desenfreada, provocados pela monocultura acompanhada da aplicação quase indiscriminada e em doses excessivas de fertilizantes e defensivos químicos, envenenando perigosamente o solo e as águas, ameaçando a flora e a fauna, numa agressão brutal à natureza que põe em perigo o equilíbrio do meio ambiente e a própria vida humana (BRUM, 1983, p. 106)

Há um controle e uma ordem centralizada que protege a ação dos bancos e a comercialização de agrotóxicos, e que interferem, também, nos parâmetros controladores dos preços pagos aos produtos agrícolas. De acordo com Brum, "Quem mais ganha, sempre, são os bancos, as indústrias de insumos e de transformação, que controlam a comercialização, influenciando os preços tanto do que o produtor rural compra como do que ele produz e vende" (BRUM, 1983, p. 107).

Ao tratar sobre o abastecimento de hortifrutigranjeiros para Foz do Iguaçu, o Secretário da Agricultura, Paulo Carneiro, comentou sobre os impactos que seriam provocados com a construção da Hidrelétrica de Itaipu, refletindo diretamente no abastecimento de produtos para a região. Assim, sob orientação do Departamento de Produtividade da Secretaria, foi organizada uma comissão representada pela Itaipu Binacional, Ministério da Agricultura e

outros órgãos, para garantir o abastecimento. Dessa forma, a situação discursiva, ao direcionar o foco para a realidade rondonense, revelava as precárias condições do abastecimento de hortigranjeiros e, ao mesmo tempo, falava da falta de frangos para o consumo. Isso indica que a agricultura tecnificada absorveu o trabalho do agricultor, não restando mais tempo e espaço para estas atividades. Com isso, a cidade passou a sentir a carência destes produtos. Lembrando que, com a fase inicial da modernização, aconteceu a retirada da mata, das pastagens e das hortas, espaços que foram sendo substituídos e ocupados pelo plantio da soja ou trigo. Na época, foi estimulada a oferta de produtos enlatados para o consumo; assim, alguns agricultores passaram a consumir legumes e frutas enlatados, chegando ao absurdo de comprar alguns produtos, tais como mandioca, em mercados. Por se tratar de 1975, período em que o modelo encontrava-se consolidado ocorreu o crescimento da população urbana. Esse aumento se deu em detrimento das exclusões no campo.

De fato, quando se diz que não há peixes em consequência da limpeza de pulverizadores de veneno junto aos córregos, considerando essa ausência um traço "normal", tem-se uma idéia clara da dimensão assumida pelo impacto ambiental. Destacando "a região não possui frutas e os rios e riachos tiveram os peixes abatidos pela ação avassaladora de inseticidas, consequência normal da lavagem de equipamentos, ocupados na lavoura para a aplicação de veneno". Na seqüência, a carência de "hortigranjeiros foi atribuída à especialização que desestabilizou a mão-de-obra da família". Logo, o discurso recebe outra dinâmica, justificando que se há terra e pessoas para trabalhar porque não se retoma à atividade. Os agricultores são questionados: como "um povo tão trabalhador" permite a extinção de hortas escolares ou a dependência com relação ao fornecimento de alguns produtos, provenientes de regiões distantes e com preços elevados. É óbvio que o rumo da fala sustenta-se na preocupação com a saúde dos consumidores e com seus elevados preços; e aproveita o momento para recomendar o retorno do cultivo de tais produtos.

ABASTECIMENTO PARA ITAIPU

Não possuímos especialmente em Marechal Cândido Rondon, granjas de coisa alguma que possam subsistir ao consumo de uma cidade sequer. Não se tem conhecimento de uma granja de galinhas devidamente organizada; não se pode destacar ninguém que se dedique a atividade hortigranjeira de espécie alguma, de maneira destacada. A região não possui frutas e os rios e riachos tiveram os peixes abatidos pela ação avassaladora de inseticidas, consequência normal da lavagem de equipamentos ocupados na lavoura para aplicação de veneno. A malfadada monocultura prejudica e preocupa com o que vem acontecendo agora, enquanto que a atividade horti-fruti-granjeira que absorve mão de obra da própria família do meio rural está parada e por outro lado auxilia a união da própria família [...]. O marasmo em um povo tão trabalhador onde nem sequer hortas escolares funcionam à contento e as populações citadinas das sedes municipais e distritais se vêem obrigadas a pagar somas aviltantes para ter à mesa verduras e legumes que poderiam vir da nossa terra e que vem de longe (Frente Ampla de Notícias, v. 23, 31.07.75 a 14.11.75).

A argumentação tomou partido daquilo que divulgava, ou, em termos mais enérgicos, agia de acordo com as condições e condutas que queria formar. Portanto, em alguns casos pode criticar as consequências dramáticas da especialização que gera a falta de legumes; e em outros pode questionar a morte dos peixes. Para evidenciar a oposição entre falas, tem-se como exemplo o discurso jornalístico intitulado "Mercantil G.K. vai dar um Tiro nas Pragas". A começar pelo seu título, os argumentos anteriores tratando dos peixes mortos, são postos entre parênteses. Logo, aquilo que era perigoso, torna-se produto a ser divulgado junto ao público.

MERCANTIL G.K. VAI DAR UM TIRO NAS PRAGAS

A empresa fará a demonstração de um verdadeiro canhão para a agricultura [...], o novo produto colocado à disposição dos prezados agricultores [...], acompanhada de uma gelada cervejinha aos presentes (Frente Ampla de Notícias, v. 23, 31.07.75 a 14.11.75).

Fato curioso: o combate às pragas, recebeu a ajuda até de benzedores ou benzedeiros. O noticiário expõe sutilmente o tema: os lavradores, ao presenciarem grande população de pragas como lagartas, desviaram-se do padrão de combate tradicional por meio de inseticidas — de acordo com as coordenadas indicadas por agrônomos e técnicas agrícolas, tais como a devida cautela no uso desses recursos químicos — e solicitaram o “auxílio” de um benzedor. Os trabalhos, executados com base em promessas miraculosas no combate às pragas, foram feitos através de práticas ritualizadas, por meio de pagamento.

POLUIÇÃO DAS ÁGUAS POR VENENO

Disseram que pessoa benzedeira, independente do tamanho da lavoura, cobra uma quantia razoável [...] de trezentos cruzeiros pelos seus passes de mágica e outras coisas [...]. Não estamos duvidando e nem abusando, pois trata-se de um caso de fé. Mas o problema reside aí: **SERÁ QUE OS INSETOS E AS LAGARTAS TÊM FÉ?**(Frente Ampla de Notícias, v. 31, 10.12.76 a 26.01.77).

As ocorrências relacionadas à poluição de rios e açudes eram uma constante durante a implantação e consolidação da tecnificação no campo. Nestes casos, os atritos entre vizinhos aumentavam. O resultado consta nas permanentes denúncias: muitos agricultores eram acusados de lançar veneno nas águas dos rios quando eram executados os trabalhos de abastecimento ou reabastecimento dos pulverizadores. Cabe lembrar que os pulverizadores eram equipamentos que possuíam tanques adaptados ao trator. Um desses primeiros modelos adotados usava um sistema, no qual a água do rio circulava, acionando a sucção da água. Com tal sistema, o efeito da contaminação estava, nesse caso, associado ao próprio funcionamento do equipamento e não na imprudência do agricultor.

Para entender as constantes trocas de acusações entre agricultores, seria preciso mostrar dois discursos caracterizando dois momentos discursivos. Assim, no primeiro, o agricultor foi acusado e julgado pela conduta; no segundo, esse agricultor buscou esclarecer a situação da qual foi acusado. Veja-se:

O agricultor José Statkewski foi acusado de ter tomado uma atitude irresponsável, ao poluir a nascente de sua propriedade. Na ocasião, o equipamento utilizado era um pulverizador de sucção, contendo inseticida que estava sendo aplicado na lavoura cultivada com soja. A argumentação considerou desleixada a ação do agricultor, indo além, ao mencionar a possibilidade de um efeito cascata, pois a contaminação teria atingido o açude situado nas terras de Antônio José Traczczynski, vitimando os peixes ali criados. Mas a ameaça da nascente poluída, estaria deslocando-se para outra propriedade, a de Oscar Kaefer, situada à jusante. Esta propriedade contava com 600 bovinos que bebiam desta água. Além disso, Antônio José Traczczynski “cuidava”, para outro vizinho, de 17 bovinos e suínos. A fala do Delegado Alberto Mayer sustenta a idéia de que as denúncias recebidas, tratando da poluição com venenos, depositados nos rios e açudes, eram constantes. Conforme o delegado, os fatos apurados eram encaminhados ao IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, para que fossem tomadas as devidas providências. No discurso, falou-se dos crimes contra a natureza, além do irredutível trabalho dos técnicos. Mas este tipo de fundamentação já foi

observado em outros discursos. Como já foi visto, os técnicos recomendavam, por exemplo, o uso do "canhão" no combate às pragas.

POLUIÇÃO DAS ÁGUAS POR VENENO

Denunciada ontem à tarde uma ação pouco cautelosa na propriedade do Sr. José Statkewski, junto ao São Francisco, no interior do distrito de Margarida. A utilização desleixada de equipamento e manejo no uso de inseticidas, principalmente por ocasião da sucção de água para mistura ideal, de grande utilização em lavouras de soja, poluiu a nascente de água nessa propriedade, que veio a contaminar o açude nas terras do senhor Antônio José Traczynski, matando os peixes que ali tinham seu viveiro [...]. Segundo o Delegado Alberto Mayer, é grande o número de denúncias sobre poluição de rios, riachos, açudes e olhos d'água [...]. Uma outra fonte informou que os fatos serão levados ao conhecimento do IBDF que deverá destacar um fiscal para fazer levantamentos [...] dos danos que causam todos os anos esse agentes poluentes [...]. Técnicos agrícolas não se cansam de alertar para o perigo, e que muito propositadamente ou não, procuram ignorar (Frente Ampla de Notícias, v. 31, 10.12.76 a 26.01.77).

Contudo, observa-se uma total reviravolta dos fatos: o agricultor José Statkewski, ao tomar conhecimento das acusações, entra em contato com a redação da emissora de rádio, para dar uma nova versão do que havia acontecido. Mais especificamente, o agricultor afirmou não ter praticado a contaminação da vertente com inseticidas, muito menos ser responsabilizado pela morte dos peixes no açude de Antônio José Traczynski ou da possível contaminação das águas do açude de Oscar Kaefer. José Statkewski informou que passou inseticida na lavoura de soja no dia 13 de dezembro, o que já dava uma boa margem de tempo. Além disso, o agricultor alegou que dispensa a bomba de sucção, pois entende que a mesma entra em contato com o veneno e assim contamina as águas. O agricultor enfatizou ser também usuário desta água para consumo doméstico, ou seja, a sua família consumia a água, portanto não seria ele o causador da poluição, pois na sua propriedade, as vítimas seriam seus familiares. Reforça ainda que instalou uma bomba que não entra em contato com o veneno quando do abastecimento e, portanto, não admite ser acusado e responsabilizado pelo que não cometeu. José Statkewski lembrou que mais produtores faziam uso da água com o mesmo objetivo. Quando inquirido se teria algum suspeito, o mesmo reportou-se à falta de provas e, por este motivo, não poderia citar nomes, cobrando as provas da acusação feita publicamente a sua pessoa.

O agricultor disse ser sabedor de muitos casos semelhantes, e era favorável a uma tomada de atitude em benefício da preservação da natureza, tanto no campo como na cidade.

STATKEWSKI REFUTA SEU ENVOLVIMENTO NO CASO DA CONTAMINAÇÃO

José Statkewski compareceu à redação deste noticiário para desmentir seu envolvimento na contaminação da vertente por inseticidas, e que fosse responsável pela morte dos peixes no açude do Sr. Antônio José Traczynski e estaria ameaçando contaminar, por extensão, o açude da propriedade do Sr. Oscar Kaefer. Aquela nascente fornece água para todos os açudes. José Statkewski disse que a última vez que passou inseticida na soja, foi dia 13 deste mês e que dispensa a bomba de sucção do pulverizador, tendo [...] instalado uma bomba especial. Diz ele que a bomba de sucção do pulverizador [...] contaminada pelo inseticida, por sua vez contaminaria a água, e como utiliza aquela vertente para o consumo doméstico seria incoerente envenenar, pois poderia ser, ele ou seus familiares, a vítima. Para não correr o risco instalou uma bomba que não entra em contato com o inseticida, e por isso garante Statkewski, não é ele o culpado pela dizimação da fauna aquática do açude do Sr.

Antônio José Traczynski (Frente Ampla de Notícias, v. 31, 10.12.76 a 26.01.77)

Novamente têm-se dois discursos. No primeiro, as denúncias em torno dos envenenamentos das águas ocuparam o cenário noticioso de forma irredutível, as acusações tratavam da excessiva e descontrolada intoxicação e morte dos peixes. Esta denúncia envolvia o agricultor Ervino Storck. Na ocasião, o fato foi levado ao conhecimento do Departamento de Recursos Naturais Renováveis da Secretaria da Agricultura e os fundamentos da acusação foram estruturados no envenenamento das águas do Arroio Arara. Novamente, o deslocamento da poluição atingiu outra propriedade situada abaixo de João Risse. Ao que tudo indica, o agricultor foi multado. De acordo com os arquivos da emissora de rádio, foram constatados outros casos de contaminação de rios. Vale dizer que os casos verificados, continuaram sendo apontados como elevados e que nem todos os casos foram apurados e os culpados punidos.

DENUNCIADO EXTERMÍNIO DE PEIXES POR VENENO

Agricultor Ervino Storck foi denunciado no Departamento de Recursos Naturais [...] da Secretaria da Agricultura por haver introduzido defensivo agrícola no arroio Arara, atingindo as águas que margeiam a propriedade de [...] Risse, em Linha Arara. Verificou-se no local uma grande quantidade de peixes mortos, certamente em razão do envenenamento por mau uso do equipamento utilizado para pegar água no arroio. Além da multa, uma série de transtornos [...] ao infrator que responde a processo. O Dr. Sanches, chefe do Departamento, esteve presente no levantamento realizado. Por outro lado, foram constatados mais dois casos, um em Campos Salles, onde seria responsável Mário Cótica e [...] de Margarida, tendo sido apontado como transgressor Tadeu Czicza (Frente Ampla de Notícias, v. 35, 29.04.77 a 11.06.77).

Vale a pena ressaltar, o segundo depoimento relacionado aos problemas causados pela contaminação da água. Dessa forma, Tadeu Czicza e Mário Cótica procuraram a emissora, solicitando esclarecimentos. Conforme o relato jornalístico, eles teriam sido autuados por poluição das águas através de produtos químicos, mas ambos negam que tal atitude tenha vitimado os peixes. Em detalhes, Cótica informou ter retirado água de uma "sanga cega" e foi advertido por um bilhete, deixado pelos fiscais da Prefeitura. Passados dois dias, o agricultor teria recebido um Auto de Infração e foi efetuada a aplicação de multa pela Secretaria da Agricultura. O agricultor insistiu no argumento de que, após a advertência dos fiscais da Prefeitura, não mais retirou água do rio. Dando continuidade à sua defesa, Cótica contou que ocupava água de outro córrego (Sanga Ouriço Preto) e que a captação da água era feita por meio de um poço denominado de "ladrão". De acordo com suas palavras, ele mesmo fez a ligação de um canal de água do rio e, uma vez estando o poço cheio, o canal era rompido. Essa técnica, segundo o agricultor, não provocaria poluição.

O mesmo agricultor enfatizou que as águas do referido rio foram poluídas em outros momentos, vitimando os peixes, e esta prática teria sido efetuada por terceiros, os quais não foram identificados. Sendo assim, os agricultores afirmavam não serem os responsáveis pelo envenenamento das águas.

ESCLARECIMENTOS SOBRE O PROBLEMA DA POLUIÇÃO DE ÁGUAS

Tadeu Czicza (Títia) e Mário Cótica, estiveram ontem e hoje, respectivamente, prestando esclarecimentos com respeito à informação ontem divulgada neste espaço noticioso. Ambos foram autuados por poluição química, no

entanto, negam [...]que este episódio tenha resultado na morte de peixes [...]. Na notícia ontem divulgada, não haviam sido responsabilizados [...]. Mário Cótica, de Campos Salles, vai mais além, informando que retirava água de uma sanga para o serviço de pulverização, e que por isso, foi alertado por fiscais da prefeitura que deixaram um bilhete, informando que tal prática era proibida. Dois dias após, recebeu o Auto de Infração nº 15.849 da Secretaria da Agricultura, multando-o por esse motivo. Esclarece ainda que, após a advertência dos funcionários municipais, que lá estiveram pela primeira vez, não mais retirou água daquela sanga (Frente Ampla de Notícias, v. 35, 29.04.77 a 11.06.77).

Contudo, a preocupação maior das autoridades estava direcionada ao aumento da produtividade, sendo que os casos relacionados à contaminação do meio ambiente ficavam em segundo plano. De fato, o Coronel Mario Stadler de Souza, presidente da Federação da Agricultura do Estado do Paraná, esteve no município, proferindo palestra junto aos agricultores, através da qual manifestou o descontentamento do órgão com relação à falta de uma estrutura consistente para a agricultura, invocando a necessidade de maiores cuidados com a produção no campo.

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA HOJE EM NOSSA CIDADE

Em sua palestra o Coronel Mario Stadler de Souza deu conta da insatisfação que a Federação da Agricultura do Estado do Paraná sente em ver que falta uma estrutura mais sólida para a agricultura, um respeito maior à produção rural (Frente Ampla de Notícias, v. 38, 10.09.77 a 21.10.77).

Diversamente do que aconteceu no campo, nas cidades a preocupação com a intoxicação causada pelas distribuidoras de insumos surgiu bem mais tarde. Como exemplo disto, podemos observar que a inspeção junto às empresas distribuidoras de adubos e inseticidas, só era efetuada quando as denúncias de vizinhos de áreas afetadas direcionavam as atenções da fiscalização para os estabelecimentos encarregados pela venda de produtos agrícolas. Ora, o representante da prefeitura aparece no discurso, sensibilizado com a causa da fiscalização permanente e fala em "proteger nossa comunidade dos perigos que essas mercadorias passam representar". Nesta manifestação de apoio à fiscalização, no entanto, nem sequer são mencionados quais os perigos que esses produtos poderiam causar ao agricultor quando este mantinha contato direto com os mesmos.

Por outro lado, a instalação da Empresa Coral Fertilizantes foi impossibilitada pelas manifestações de repúdio da população residente nas imediações, com base em argumentos sustentados nas conseqüências danosas provocadas por sua instalação, principalmente os perigos que tais produtos representariam para sua saúde. Em outros termos, as firmas estabelecidas há mais tempo poderiam permanecer, mas seus estoques de inseticidas não. Através das deliberações entre representantes municipais e distribuidoras, a possível saída para o problema foi destinar uma área à margem do perímetro urbano local, ideal, segundo a proposta, para a instalação de empresas que atuavam no setor de vendas de insumos desta natureza. Mas esta proposta não saiu do papel, pois ainda hoje esses produtos são vendidos em estabelecimentos comerciais localizados no centro da cidade.

INSPEÇÃO EM LOCAIS DE ACONDICIONAMENTO DE INSETICIDAS

As empresas distribuidoras de inseticidas e adubos de Marechal Cândido Rondon sofrem a inspeção dos órgãos sanitários visando o bem estar de nossa população [...]. Tendo em vista as exigências dos moradores que se localizam perto das lojas que trabalham com artigos agrícolas, especialmente com inseticidas e

adubos químicos, a Prefeitura local vem mantendo acirrada vigilância quanto aos problemas de poluição que possam apresentar, principalmente tomando as principais atitudes no sentido de proteger nossa comunidade dos perigos que essas mercadorias [...] representam (Frente Ampla de Notícias, v. 40, 03.12.77 a 16.01.78).

Toda a dimensão da poluição e seus efeitos nocivos à natureza e ao homem despertaram preocupações constantes. Com isso, a criação de uma associação preocupada com o meio ambiente apareceu como forma de contribuir para direcionar as atividades relacionadas à questão ambiental no município. Estas atividades incluíam o reflorestamento e o uso responsável dos insumos agrícolas.

NO INÍCIO DO ANO, UMA ENTIDADE NOVA EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON

A idéia de se fazer uma entidade que congregasse estes elementos interessados nos problemas da natureza, surgiu de um grupo de amigos [...], observadores das barbaridades que são cometidas diariamente com o ecossistema, e logo tomou um pequeno vulto, após a realização de vários encontros formais, onde, em conjunto foram discutidos os problemas e as possíveis soluções [...]. É inicialmente interesse da associação estudar uma forma de preservar as florestas ainda existentes no município, bem como estabelecer um programa de reflorestamento. A associação também se preocupa com o sistema agrícola, onde já foi amplamente discutido pelos participantes o mau uso de defensivos agrícolas, como inseticidas, adubos, herbicidas e outros, [...] onde o agricultor muitas vezes, além de destruir a fauna, põe em perigo a sua própria vida e a de seus familiares (Frente Ampla de Notícias, v. 40, 03.12.77 a 16.01.78).

A expansão da especialização, já consolidada no final da década de 1970, provocou, portanto, o surgimento de preocupações relacionadas à conservação da natureza. Mas, esse processo estimulou práticas agrícolas, estabelecidas nas regras do mercado e tal sistema prescindia de procedimentos tecnicizados no combate às pragas. Dessa forma, o universo da modernização foi deixando suas marcas, caracterizando os problemas nascidos com o modelo. Não apenas o homem, mas as aves e animais também foram vítimas de intoxicação.

Vale dizer que as mortes por intoxicação aconteciam em todo o município. Um exemplo concreto foi constatado no distrito de Entre Rios (atualmente município emancipado). A vítima foi Anilson Massmann, adolescente de apenas 16 anos. Durante a execução de atividades relacionadas ao combate de pragas, através do uso de inseticida na plantação de soja, o adolescente sentiu-se mal. Com isso, o jovem retornou para casa e bebeu leite. Pensando estar bem, retomou as atividades normalmente. No entanto, ao final das atividades, os sintomas da intoxicação reapareceram, obrigando seu deslocamento ao hospital, onde veio a falecer. Ao final do discurso, que enfatizou a questão de forma trágica, foram referenciadas as "atividades da área da agricultura" e a fala apontou para as possibilidades de explicação para a morte: a recusa das informações e a possível falta de esclarecimento sobre a atividade, bem como sobre os equipamentos de proteção necessários para tal.

VENENO NA LAVOURA FAZ MAIS UMA VÍTIMA

São insistentes os apelos quanto ao uso por vezes indevido de defensivos agrícolas e que desde o início da era da mecanização vem ceifando vidas preciosas. Como se não bastasse a mortandade desenfreada de passarinhos, aves e animais domésticos e outros graves problemas enfrentados apesar de que técnicos tem dado

conhecimento sobre os perigos, ainda acontecem fatos lamentáveis como estes (Frente Ampla de Notícias, v. 40, 03.12.77 a 16.01.78).

Para se ter uma idéia mais clara dos problemas surgidos com a poluição causada pelo uso de insumos agrícolas, embora já tenha sido bastante enfatizado, cabe aqui, reforçar com mais um exemplo, a dimensão das intoxicações aumentava quando a aplicação de veneno nas lavouras coincidia com a falta de chuvas. Em outras palavras, nesses períodos foi constatada a elevação de mortes de pessoas e animais.

Neste cenário, as ocorrências eram constantes, ocasionando impactos ambientais diversos. Conforme a fala de um agricultor do distrito de Margarida, em seu açude houve a morte dos peixes sem que o agricultor tivesse feito qualquer contato com objetos contaminados com veneno. O mesmo não soube informar com clareza as causas, mencionando apenas uma remota possibilidade de estranhos terem ocupado a água e conseqüentemente provocado a poluição. A divulgação de outros casos multiplicou-se, e, no mesmo noticiário, foi veiculado outro acontecimento dessa natureza, verificado nas proximidades da sede municipal. O último caso despertou no agricultor o interesse pelo exame da água, mas sua tentativa foi frustrada pela falta de recursos no município para efetuar tal teste. Na medida em que os filhos do agricultor foram retirando os peixes, os encaminhamentos tomados envolviam a retirada e troca da água, procurando, assim, retomar normalmente as atividades, pois a piscicultura era uma forma de aumentar a renda familiar, principalmente no período da quaresma.

O VENENO AGORA ATINGE AS ÁGUAS DE AÇUDES PROVOCANDO A MORTANDADE DE PEIXES

Mesmo recebendo instruções em todo o sentido, esta época tem apresentado um quadro negro no que diz respeito à perda de vidas humanas e animais [...]. O fato não agrada muitos agricultores, especialmente aqueles que constroem açudes e ficam no aguardo do aumento de criação de peixes o que inclusive serve como fonte de renda em épocas certas como a quaresma. (Frente Ampla de Notícias, v. 40, 03.12.77 a 16.01.78).

A notícia anterior passou a receber, num segundo momento, maior riqueza de detalhes sobre as causas que provocaram a morte dos peixes. Isto significa dizer que mais uma vez as fatalidades ocorreram por motivos semelhantes, ou seja, a poluição das águas, via produtos químicos, só que desta vez o veneno causador das mortes era em pó. Neste caso, provavelmente, a contaminação estava vinculada à localização da propriedade agrícola, situada num vale, e o veneno em pó, com a ajuda do vento, foi lentamente depositado sobre as águas, ocasionando a contaminação e morte dos peixes. Desse modo, como a distribuição de "defensivos" agrícolas não respeita limites entre as propriedades, o veneno poderia ter sido lançado em uma área próxima do açude. Cabe lembrar que próximo às lavouras estavam os rios, hortas e pastagens e este processo se repetia em outras localidades. Constatou-se, na ocasião, a morte de três mil quilos de peixes. Tendo em vista os acontecimentos, a reportagem da emissora de rádio contactou um técnico agrícola, que informou que na Europa, esse tipo de veneno tem sua venda proibida há mais de dez anos. No entanto, de acordo com o técnico, apesar de algumas restrições em nosso país, o uso era permitido e a falta de controle e a negligência contribuíam para o agravamento do problema. Sendo assim, o Brasil — assim como outros "países em desenvolvimento" — aparece como canal para o escoamento de produtos fabricados por multinacionais, ligadas a países, onde tais insumos agrícolas eram proibidos de serem utilizados. A ação das multinacionais tem continuidade, devido à lentidão causada pela burocracia. A polêmica em torno do uso destes insumos, portanto, não impediu a atuação destas empresas no país, já que foram estabelecidas medidas paliativas, entre elas o pagamento de multas, como forma de manter as atividades do setor, mesmo que à custa de

vidas humanas. Isto retardou a tomada de providências mais sérias, pois os gastos das empresas, com o pagamento destas multas, não interferiram significativamente nos lucros obtidos com a venda de insumos.

28 SACOS DE PEIXES ESTÃO SENDO ENTERRADOS

Foi esse o resultado da mortandade de peixes no açude do Arroio Fundo entre as propriedades dos senhores Freitag e Dietrich como consequência da poluição ambiental pela pulverização de lavouras com defensivos em pó [...]. Outras informações a respeito deram conta de que o açude que fica numa baixada no Arroio Fundo ficou coberto com uma nata branca do veneno em pó o que prejudicou grandemente na formação de uma grande e talvez rendosa criação de peixes. Aproximadamente 3 mil quilos de peixes somente nesse açude do Arroio Fundo que foram colocados em 28 sacos e enterrados [...]. Fatos como estes estão prejudicando a natureza e depredando tudo aquilo que possa servir para a própria subsistência do ser humano (Frente Ampla de Notícias, v. 40, 03.12.77 a 16.01.78).

Além das notícias anteriores, outras informações foram divulgadas sobre o desastre ecológico que levou ao envenenamento dos peixes nas propriedades de Hugo Freitag e Ehrard Dietrich. Tendo em vista os acontecimentos, ambos recorreram à Prefeitura Municipal, solicitando ajuda para a elucidação dos fatos. Mais uma vez, foi levantada a suspeita de que a morte dos peixes teria sido provocada pela aplicação de veneno em pó na lavoura, cultivada com soja, situada nas proximidades. O laudo final contabilizou a morte de 8.000 peixes, com peso aproximado de 3,5Kg cada um. Neste contexto, a prefeitura providenciou o enterro dos peixes, utilizando, para tanto, maquinário pesado — tal como as chamadas retro-escavadeiras — o que dá uma idéia da dimensão do acidente. Em nome dos agricultores, os representantes da municipalidade buscaram recursos para analisar a água e os peixes afetados, estabelecendo contatos para uma possível solução do caso. Mas as tentativas se limitaram a uma série de visitas a órgãos estaduais e federais. O resultado foi uma coletânea de desculpas, priorizando a “falta de competência, a carência de meios materiais ou humanos e a inexistência de laboratórios para a finalidade” (Frente Ampla de Notícias, v. 40, 03.12.77 a 16.01.78).

Aos agricultores restaram os prejuízos e o estigma, sempre lembrado, de terem sido atingidos por uma das maiores fatalidades de poluição ambiental, já verificadas no município. O valor dado pelos agricultores à criação dos peixes era tão significativo, a ponto de, em determinados períodos, os mesmos se preocuparem em liberar peixes do açude, com o objetivo de repovoar diversos cursos d’água, vizinhos dos açudes, tendo em vista a necessidade de amenizar os ataques à natureza. O término da reportagem traz algumas respostas para os questionamentos levantados no presente estudo.

PEIXES MORTOS EM AÇUDE

- a) até quando serão permitidos a fabricação e venda de venenos altamente nocivos ao homem, ao gado, às aves, à micro fauna, aos peixes?
- b) quando haverá conscientização e efetiva observância quanto a correta aplicação de defensivos agrícolas?
- c) quando começarão as autoridades responsáveis pelo setor — hoje dispersas em um sem número de órgãos, sem coordenação — a estar presentes, aconselhando, fiscalizando, atuando enfim? (Frente Ampla de Notícias, v. 40, 03.12.77 a 16.01.78).

Em sua essência, os questionamentos sistematizam a omissão dos órgãos responsáveis

pelo controle e conscientização para uma futura resolução da problemática.

AGENTE FISCALIZADOR CONTA COMO VIU PEIXES MORTOS EM AÇUDE

Se pode averiguar que se originou esta mortandade de carpas devido a aplicação nas redondezas de inseticidas em pó, de alto grau tóxico, à cultura de soja, que pelo vento deveria ter atingido as águas [...]. Haviam iniciado a criação de peixes em meados de 1975, tendo se orgulhado sempre mais quanto à rápida e satisfatória expansão do cardume, chegando inclusive, periodicamente, por iniciativa própria, a distribuir em diversos cursos d'água, em vários pontos do Município, regular quantidade de peixes, a fim de dar condições de procriação nos riachos, tentando colaborar assim na reposição da natureza, tão drasticamente em vias de destruição nos últimos anos [...]. Ao que parece a questão requer solução urgente e eficaz, antes que seja tarde demais (Frente Ampla de Notícias, v. 40, 03.12.77 a 16.01.78).

Os traços apresentados nos noticiários anteriores, no entanto, não surtiram efeitos consideráveis quanto à necessidade de conscientização sobre os problemas. Como exemplo disso, em 1979, ainda eram fortes e marcantes os prejuízos causados pelo uso do veneno junto aos cursos d'água. Novamente foi anunciada a ocorrência de um acidente, desta vez no distrito de Entre Rios. Na ocasião, três agricultores utilizaram a água de um pequeno rio e um deles teria provocado a poluição. À jusante do rio residiam mais sete agricultores, os quais também foram prejudicados porque usavam a água para seus animais. Restou-lhes o trabalho de coleta de milhares de peixes mortos. A fala menciona os constantes apelos reclamando providências, mas, na prática, poucas foram as ações efetuadas com o objetivo de solucionar os problemas. O caso de envenenamento da sanga, segundo o advogado Alberto Mayer, era complexo e difícil de ser resolvido pela inexistência de testemunhas.

NOVA DENÚNCIA DE POLUIÇÃO POR INSETICIDA

Três agricultores passaram inseticida em suas lavouras – Albino Stein, Romeu Backes e Leo Ripp – e um deles teria se utilizado de modo totalmente incorreto das águas da Sanga Golondrina, ao retirar água diretamente da sanga através de uma mangueira, que acabou por poluir aquela corrente d'água [...]. A fauna aquática está sendo dizimada, e os apelos insistentes até agora parecem não ter ressonado, dado a que, a cada poucos dias, novas denúncias se somam às já existentes, indicando os caminhos da destruição a que o homem está se expondo (Frente Ampla de Notícias, v. 49, 21.12.78 a 05.02.79).

Os problemas causados pelo uso de veneno, nas propriedades agrícolas, migraram do campo para o perímetro urbano. De acordo com as palavras de um técnico agrícola, o mesmo procurou mobilizar a atenção das pessoas para as aplicações de inseticidas nas lavouras próximas da cidade. Como exemplo, pode ser citado a aplicação de veneno em plantações de soja, situadas próximas a áreas residenciais, onde podia ser observada a formação de um "nevoeiro de veneno" que afetava diretamente os moradores destes locais. Estas atividades eram realizadas em áreas com densidade populacional elevada. O técnico chamou a atenção para a marca do produto (DL-50) de alto grau tóxico, pois, absorvido pelo organismo humano, era capaz de produzir danos sérios à saúde.

CRIANÇAS CORREM SÉRIOS RISCOS DE INTOXICAÇÃO POR INSETICIDA

A advertência foi feita pelo técnico agrícola Genésio Rebelatto, ao situar uma

ocorrência dos últimos dias, quando foram passados inseticidas em áreas de plantio no perímetro urbano de Marechal Cândido Rondon [...]. De acordo com ele, estava sendo passado inseticida numa área plantada com soja, entre o BNH e a Vila conhecida como Gramadinho, onde estão localizadas as residências da maioria dos ensacadores da Cooperativa. A área, considerada urbana, está localizada entre dois núcleos de densa população, e uma vez que a plantação está próxima à rua Sete de Setembro, a nuvem de inseticidas, empregados para o combate as pragas, atingia as crianças que brincavam nas proximidades e muitas das residências próximas à plantação, estas, no núcleo da Cooperativa. Destacou o técnico agrícola, o alto grau de toxicidade do produto utilizado DL-50, uma vez que o organismo absorve resíduos, que são altamente prejudiciais à saúde (Frente Ampla de Notícias, v. 49, 21.12.78 a 05.02.79).

Ainda no mesmo ano, a poluição migrou de Entre Rios para Linha Curvado. Desta vez, a contaminação ocorreu num afluente do Arroio Curvado, tendo como suposto responsável o agricultor Lotário Herwich. O acontecimento novamente foi investigado pelo delegado e, segundo testemunhas, o agricultor retirou água do rio por meio de uma mangueira rompida, através da qual o veneno teria sido despejado na água. Com a visita do delegado ao local, constatou-se a morte de carpas de até 4,5kg e a poluição havia se estendido por aproximadamente 2 Km. No local, também foi encontrado um frasco de veneno ("Endrin 25-10"). Quanto à dimensão do acidente, foram constatadas marcas por onde o veneno escoou, queimando a vegetação, e não foi descartada uma nova contaminação, que poderia ser provocada pela ocorrência de chuvas, carregando novamente o inseticida para o córrego. O delegado finaliza dizendo que se houvessem outras ocorrências, os agricultores poderiam procurá-lo, inclusive nos feriados, pois estaria disposto a tomar providências. Evidencia-se, no entanto, que as medidas tomadas pelo delegado, tais como vistorias e instauração de inquéritos para apurar os casos, na maioria das vezes, não tiveram resultados.

INSETICIDAS VOLTAM A POLUIR

Um novo caso de envenenamento de água, e em consequência a morte de milhares de peixes se registrou num pequeno córrego, em Linha Curvado [...]. O delegado Alberto Mayer está ouvindo testemunhas que flagraram o agricultor retirando água do córrego, utilizando uma mangueira que continha uma rachadura, por onde retornava o inseticida que veio a poluir a corrente d'água. O delegado Mayer compareceu ao local e constatou que numa extensão de 2 mil metros, era grande a quantidade de peixes mortos [...]. Um vidro de inseticida Endrin 25-10 jogado há pouca distância da corrente d'água foi retido pelo delegado de polícia. Uma pequena quantidade do líquido inseticida escoou tendo inclusive queimado a grama existente. Basta que a chuva leve aquele resíduo e novamente teria seqüência a poluição do córrego (Frente Ampla de Notícias, v. 49, 21.12.78 a 05.02.79).

A preocupação com o meio ambiente, de acordo com os engenheiros ambientais do Instituto de Terras e Cartografia, levou à sistematização e divulgação de informes, envolvendo a orientação sobre os perigos presentes na execução das queimadas e do desmatamento sem controle, além dos cuidados a serem observados quando do contato com pulverizador e embalagens de venenos junto às águas dos rios. A pesca era permitida somente àqueles pescadores registrados e que utilizassem materiais recomendados. Contudo, pode-se questionar a eficácia dos alertas, pois há que se ter em mente também a necessidade de um trabalho de acompanhamento *in loco* dos problemas, tais como aqueles relacionados à poluição dos rios,

pois a efetiva orientação aos agricultores poderia ser feita de forma prática, através de recomendações feitas nas propriedades dos mesmos, contribuindo, de forma mais eficaz, para a diminuição das agressões à natureza.

INSTITUTO DE TERRAS ALERTA A POPULAÇÃO

Alcione Antonio Alba – Engenheiro Florestal e João Del Antonio integrantes da equipe do Instituto de Terras e Cartografia sediados em Marechal Cândido Rondon, tendo em vista os momentos de estiagem por que passa a região, realizaram um alerta à população, especialmente no interior, 1º sobre o uso indevido do fogo, cuidando o máximo das matas e evitando queimadas. 2º Evitar desmatar as propriedades, fazendo somente com autorização, preservando os 20 por cento exigidos por lei. 3º Não jogar inseticida ou carregar tanques de pulverizador diretamente nos rios ou jogar embalagens tóxicas nas águas de rios ou riachos. Quanto à pesca, o instituto está alertando sobre a necessidade de portar carteira de pescador bem como acatar decisões de equipes fiscalizadoras no setor. (Frente Ampla de Notícias, v. 49, 21.12.78 a 05.02.79).

Os efeitos da mecanização, surgidos com o desmatamento indiscriminado das matas na região Oeste, bem como com o uso irracional de insumos químicos, levaram à necessidade de ações, aplicadas em conjunto pela ACARPA e pela Prefeitura Municipal. Entre estas ações, estava a promoção de palestra com o professor José Lutzember, de Porto Alegre – RS, especialista em assuntos ecológicos. Para participar do evento, os agricultores poderiam fazer suas inscrições no escritório da ACARPA. Como o local escolhido para a realização da palestra foi a cidade de Cascavel, os custos da viagem ficaram por conta da Prefeitura. Como se pode ver, em função das poluições descontroladas, aos poucos, foram surgindo manifestações ligadas a atividades de conscientização sobre a preservação do meio ambiente.

AGRICULTORES DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON VÃO ASSISTIR UMA PALESTRA COM O PROFESSOR LUTZEMBER

A vinda do professor a Cascavel, através da ACARPA, órgão do Governo interessado e que promoveu essa palestra, deve-se ao fato de que o Oeste do Paraná é uma das regiões onde houve maior desmatamento e se registra o maior consumo de adubos químicos, fertilizantes e herbicidas (Frente Ampla de Notícias, v. 57, 03.11.79 a 12.12.79).

O teor da fala do professor engenheiro agrônomo José Lutzember, apresentou possibilidades em desenvolver uma agricultura por meio da adubação orgânica. Este sistema, de acordo com o palestrante, possibilitaria um mecanismo de defesa da natureza, através da obtenção de produtos mais saudáveis. No decorrer da palestra, os agricultores apresentaram muitos questionamentos com relação à substituição dos insumos químicos por alternativas orgânicas. Na ocasião, fizeram-se presentes vários representantes rondonenses que estabeleceram contatos com o palestrante, com o objetivo de realizar a palestra em Marechal Cândido Rondon.

AGRICULTORES DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON FORAM OUVIR O AGRÔNOMO JOSÉ LUTZEMBER EM CASCAVEL

O Engenheiro Agrônomo José Lutzember, conferencista internacional, veio à Cascavel proferir uma palestra sobre ecologia no sábado último [...]. Baseado em adubação orgânica, José Lutzember defende a teoria de que em solo sãs, produziremos plantas sãs e sem pragas para serem combatidas quase que semanalmente, pois as plantas, segundo ele, terão capacidade de se autodefender

(Frente Ampla de Notícias, v. 57, 03.11.79 a 12.12.79).

Novas alternativas para melhorar a produção, como se pode notar foi uma constante junto aos agricultores. Como exemplo, além do cultivo da soja no verão, apareceram propostas para fazê-lo também no inverno. A rotação de culturas também foi sugerida, como forma de evitar o empobrecimento do solo. Com relação a esta proposta, na vitrine de uma empresa especializada no setor de insumos agrícolas, no centro da cidade, foi realizada a exposição da "colza", uma oleaginosa para o inverno. Outra vez os discursos colocavam, em cena, "uma nova e rentável opção para o meio rural". A fim de atrair o público, foram expostas sementes, fotografias com plantações e prospectos, divulgando as diferentes variedades do produto. O fator clima também recebeu destaque, já que as sementes seriam ideais para enfrentar as adversidades climáticas. Foram apresentados em detalhes os rendimentos, as formas de colheita e a adaptação para o plantio direto (podendo receber aplicações de herbicidas). A argumentação persuasiva procurou apresentar agricultores interessados em realizar o cultivo dessa cultura. Mas, essa proposta não obteve resultados expressivos, pois não houve adesão ao cultivo da "colza".

CERESER S.A. FAZ O LANÇAMENTO DA COLZA, A NOVA CULTURA DE INVERNO

Utilizando-se de uma vitrine da Casa Rieger, no centro da cidade na avenida Rio Grande do Sul, a Cereser S. A. está hoje e a partir desta data, fazendo o lançamento oficial da COLZA, uma nova cultura de inverno. O demonstrativo feito por Cereser S.A. inclui todos os dados da oleaginosa de inverno que tornar-se-á uma nova e rentável opção para o meio rural [...]. É prática para o plantio direto e, quando a semente nasce em meio à outra cultura, pode-se aplicar herbicida para folha larga (Frente Ampla de Notícias, v. 57, 03.11.79 a 12.12.79).

Contudo, ocorreu a implementação de técnicas que visavam renovar as esperanças dos agricultores em dias melhores, surgidos com o aumento da produção. Entre estas técnicas, a incorporação do plantio direto, alicerçado no uso de "defensivos" nas lavouras, foi uma das mais relevantes. Para Kageyama (1987, p. 46), nesse sistema "observa-se uma complementaridade com a mecanização, como ocorreu com a disseminação das técnicas de plantio direto no Paraná, por exemplo, que levaram a um aumento acentuado do consumo de defensivos".

Os problemas ligados à erosão continuavam na ordem do dia. O debate gerava preocupação junto às autoridades ligadas ao poder público, que realizavam visitas, no sentido de observar de perto os problemas. O plantio direto foi adotado, tendo em vista a necessidade de conservação do solo.

Em visitas posteriores, as vistorias dos representantes da prefeitura constataram que, mesmo com as chuvas intensas, não foram diagnosticados casos sérios de erosão. Entretanto, essa metodologia de cultivo necessitava da aplicação de herbicidas, principalmente em sua fase inicial. Num segundo momento, ocorria a capina na forma tradicional ou mecânica. Sendo assim, o sistema de plantio direto apareceu como alternativa para diminuir os problemas provocados pela erosão, decorrentes, por sua vez, do desmatamento descontrolado. No entanto, visto por outro ângulo, o aumento na aplicação de herbicidas provocava danos consideráveis ao meio ambiente e à vida humana.

EROSÃO PREOCUPA. SECRETÁRIO VISITA LAVOURAS

O plantio direto se caracteriza pela aplicação de herbicidas para eliminar a

primeira produção de vegetais, e em seguida vem o plantio, devendo posteriormente ser feita a carpida normal (Frente Ampla de Notícias, v. 57, 03.11.79 a 12.12.79).

A liturgia da mecanização devastou matas e recursos hídricos do município, atropelados pela destruição e poluição constantes. Como se pode notar, através das reportagens, muitas vezes a natureza não tinha tempo para a recomposição, pois novas agressões impediam tal processo. Os desastres provocados na região, não prejudicaram apenas animais e plantas, mas também aos agricultores que pagaram, em alguns casos, com suas próprias vidas o preço cobrado pelo progresso. Os inseticidas, os adubos e herbicidas aplicados nas plantações de forma desordenada — principalmente aqueles ligados ao sistema de especialização e produção extensiva, tais como soja e trigo — desencadearam desequilíbrios tanto na área rural como nas cidades.

CONSERVAR O SOLO, AGORA, É PRECISO

Neste item do trabalho, busca-se apresentar considerações relacionadas aos efeitos danosos ao meio ambiente, provocados pelo processo de modernização agrícola, implantado no município de Marechal Cândido Rondon. Procura-se mostrar como o impacto ambiental causado por este processo, não aparecia nos discursos em favor da implantação de técnicas modernas de cultivo e de que forma eram justificadas as medidas a serem adotadas para reverter os estragos causados na natureza. O estudo visa identificar, sobretudo, as contradições presentes nas relações que configuram tal processo, já que a modernização agrícola, num primeiro momento, é apresentada como chave para o progresso; com o passar dos anos, os efeitos danosos provocados pelo desmatamento e o uso de agrotóxicos, entre outros, revela que o progresso indicado anteriormente possui limitações.

Entender a relação entre conservação de solos e tecnificação no campo propagada por ideais capitalistas, requer observar os silêncios do discurso. Assim, de imediato tem-se a construção da mecanização, a qualquer preço, mesmo que para isso, as pessoas devam deixar de lado certos costumes e os substituam por agitadas atividades, envolvendo desmatamento e plantação mecanizados. A reconstrução do espaço prejudicada pela voraz retirada da mata, acontecia, mesmo esta estando ainda verde e o solo era compactado pelas esteiras do trator. Em termos poéticos, os sons da mata cederam espaço ao ronco dos tratores e o luar da noite dividiu espaço com as luzes artificiais dos faróis da mecanização; já a luz do dia aparecia tímida entre a concentração de fumaça, ocasionada pela queima da mata enfileirada nas leiras.

A falta de cuidados com o solo, principalmente no período inicial de ocupação das terras, era uma constante e a idéia de que, após a realização das queimadas, o surgimento de terra “nova” se daria de imediato, era errônea. Assim, escrevem-se as primeiras linhas da subjugação do solo aos interesses, implantados oficialmente pelos estímulos capitalistas. De acordo com Miriam Zaar (1999, p. 54), “o trator, usado na destoca para posterior plantio, se destacou como carro-chefe do aparato maquinário que permitiu a mecanização das atividades agrícolas”. Em razão disso, a ocupação direta ou indireta do espaço prejudicaram o solo, o que culminou, mais tarde, em frustrações de safras. Diante disso, os técnicos que vinham acompanhando com mais atenção o processo da mecanização, sugeriram, através de um programa na emissora de rádio, a construção de terraceamento e curvas de nível, sistemas de proteção do solo, indicados para amenizar os problemas, causados pelas fortes chuvas, verificadas em determinadas épocas.

A QUEBRA DA SAFRA DE SOJA

A seca ocasionada durante um período de 26 dias [...] e a erosão, especialmente nos locais onde a terra foi mal preparada por falta de terraceamento e curvas de nível, foi verificada na safra de soja regional (Frente Ampla de Notícias, v. 26, 23.03.76 a 17.05.76).

Com a cristalização do problema, surgiram as erosões nas lavouras cultivadas, acentuadas pelas fortes chuvas. Foram muitas as reclamações dos técnicos acerca da resistência dos colonos, em não seguir as orientações recomendadas para a conservação do solo. As mudanças que ocorreram nas lavouras, interferiram nas relações entre os produtores vizinhos: o agricultor que não preparava a terra de acordo com os cuidados recomendados para evitar problemas — tais como o acúmulo de águas da chuva em suas propriedades que levavam para o leito dos rios sementes, plantas e grandes quantidades de terra — era acusado de omissão, o que gerava certos atritos. E foi neste momento que técnicos agrônomos manifestaram o discurso da conscientização, alicerçado na tradição dos colonos de deixar suas terras para os filhos como herança; caso a devastação continuasse, não haveria mais terra, já que ela seria consumida pela erosão.

Muita gente que havia preparado a terra e inclusive realizado o plantio da soja em suas mais diversas variedades já reclamaram sobre a queda de chuvas torrenciais que em localização mais dobrada já lavaram as lavouras, produzindo prejuízo de toda sorte. Mesmo com as informações que partem dos agrônomos, sobre a necessidade de plantio dentro de um padrão técnico, muita gente [...] escapou à observação feita, preferindo permanecer no sistema hereditário [...] mentalidade errônea e com isso, somar prejuízos. Outros reclamam, dizendo [...] ter procedido de acordo com o que manda a técnica e simplesmente coloca a culpa no vizinho que não procede assim e, a água que corre da lavoura [...] é que vem em prejuízo próprio. Enquanto não houver uma conscientização [...] a respeito desse fato sempre haverá prejuízo. [...] o papel da agricultura é deveras importante, mas a técnica deve ser obedecida [...] sob pena de passarmos aos nossos filhos, uma região devastada, um grande e imensurável DESERTO (Frente Ampla de Notícias, v. 30, 21.10.76 a 10.12.76).

A não-conservação do solo apresentou problemas no tocante à fertilidade, pois as camadas mais ricas em nutrientes eram levadas pelas águas da chuva. Dessa forma, a expansão e o cultivo de lavouras mecanizadas corre o risco de comprometer a produção, devido à degradação do solo. Este quadro de conseqüências pode ser inscrito no rol das "estratégias políticas que levam aos grandes projetos nacionais, os quais, articulados a um contexto nacional, são introduzidos através da ideologia, na forma de pensar e de agir dos cidadãos, tornando-se de interesse geral da nação" (ZAAR, 1999, p. 27). Assim, com propósitos distintos, os discursos, ligados a interesses específicos, sugerem medidas a serem adotadas pelo grupo, visando o bem estar de todos; entretanto, as ações eram direcionadas de tal forma que garantissem a continuidade do processo em curso, mesmo que com prejuízos para os agricultores e para o meio ambiente.

CHUVAS PREJUDICAM A AGRICULTURA

As fortes chuvas que caíram na região colocam a agricultura numa situação delicada. É a erosão que leva o "humus", ou seja, a camada fértil da lavoura, jogando-a nas estradas, dificultando o trânsito, ou em outros casos, as águas carregam-nas para os rios. Por outro lado, a soja [...] é prejudicada e a que está nascendo é carregada pela enxurrada (Frente Ampla de Notícias, v. 31, 10.12.76 a 26.01.77).

A difusão do plantio de novos produtos recebeu estímulos, baseados em metas provenientes, em muitos casos, de empresas multinacionais, que atuaram junto aos produtores rondonenses. As atividades eram elaboradas pela coordenadoria regional e o seu conjunto era estendido aos coordenadores locais. A estratégia buscou a influência dos profissionais da

educação para fazer "brotar" seus projetos no tocante à conservação do solo.

CONCLUÍDO CURSO DE CONSERVAÇÃO DE SOLO

O curso de atualização em conservação de solos, parte integrante de projeto multinacional [...] conta com a ajuda da coordenadoria regional em conjunto com os coordenadores locais, que optaram pela inclusão de professores e através deles poderá se atingir a grande parte da população rondonense (Frente Ampla de Notícias, v. 33, 01.03.77 a 31.03.77).

Entre as estratégias utilizadas para amenizar os problemas causados pela erosão, pode-se destacar a adoção de critérios que forçaram os agricultores a se conscientizarem da necessidade de conservação do solo em suas propriedades. Na prática, as exigências provenientes das instituições governamentais forçaram os agricultores a comprar sementes selecionadas, pois, caso não procedessem dessa forma, não teriam suas lavouras seguradas pelo PROAGRO. As estratégias de difusão do modelo são marcadas pela fusão de interesses do capital bancário e industrial, destacando em suas palavras que "a conservação do solo antes de uma exigência constitui necessidade que deve ser observada pelos homens de bom senso, e que fazem da agricultura a base do sustento próprio e da família rural". A mudança de padrões foi consolidada, a partir de argumentos, calcada nos valores, prestigiados pelos agricultores, tais como a noção de "homem de bom senso", reafirmando que o agricultor devia fazer da agricultura sua fonte de sustento. Na verdade, estes argumentos, "a partir de dois conceitos dicotômicos: tradicional e moderno buscam através da ideologia formas que justificam as causas [...]. Levam, portanto, as pessoas a acreditar que o fato de transformar o tradicional em moderno levaria ao desenvolvimento" (ZAAR, 1999, p. 30).

PROAGRO DA SOJA, SÓ PARA QUEM FIZER A CONSERVAÇÃO DO SOLO

Quem fizer o custeio bancário, está obrigado a fazer o plantio da soja com semente fiscalizada, para ter direito ao PROAGRO. Este programa de Garantia da Atividade Agropecuária, instituído pelo governo, está em funcionamento desde a safra de trigo de 1975 e vem atendendo agricultores e produtores quando existe uma ocorrência adversa, a frustração de uma safra [...]. Para este plantio da soja, uma das exigências será a observação quanto à conservação do solo [...] compreende o plantio em nível, ou cotando as águas, sendo da mesma forma constatada a exigência de curvas de nível onde o terreno for inclinado a mais de 3%. Luiz Carlos Zanini, da ACARPA local, se referiu à respeito pois muitos agricultores, mesmo sabendo do assunto, fizeram o plantio sem respeitar as exigências. A conservação do solo antes de uma exigência constitui-se necessidade que deve ser observada pelos homens de bom senso, e que fazem da agricultura a base do sustento próprio e da família rural (Frente Ampla de Notícias, v. 38, 10.09.77 a 21.10.77).

Com o objetivo de controlar os proprietários de terras, os representantes da agricultura organizaram a programação da ACARPA e, entre as atividades, constava uma solicitação ao Ministério da Agricultura, visando incluir o município de Marechal Cândido Rondon na Lei de Conservação de Solo:

Decidiram os representantes que deverá ser solicitado ao Ministério da Agricultura que Marechal Cândido Rondon seja incluído nos municípios da Lei de Conservação de Solo, considerado uma grande necessidade, principalmente pelas fortes chuvas que normalmente se apresentam na região (Frente Ampla de Notícias, v. 57, 03.11.79 a 12.12.79).

O estímulo à conservação do solo aconteceu de forma multifacetada, com a atuação de diversas autoridades ligadas ao poder público. O pano de fundo da preocupação escondia a face

real que a conservação do solo pretendia, ou seja, assegurar a produtividade. Ao apresentar a necessidade da conservação das estradas para o escoamento da produtividade, foi mencionada, conjuntamente, a preocupação ambiental.

PREFEITO E SECRETÁRIO DE VIAÇÃO VÃO PERCORRER ESTRADAS MUNICIPAIS

Sob pena de perdermos o precioso solo, maior capital que o município possui, teremos de adotar medidas preventivas em conjunto com os outros órgãos ligados a agricultura e conservação do meio ambiente. O chefe do executivo classificou o resultado das fortes chuvas como um verdadeiro desastre ecológico que está roubando o solo dos agricultores e destruindo produções. Quanto às estradas, disse o prefeito Verno Scherer, é um problema sério que na maioria das vezes provém de outros problemas, como por exemplo, a erosão nas lavouras, que além de eliminar a água para as estradas, traz consigo toneladas de terra que são depositadas nas baixadas formando inúmeros atoladores, tornando as estradas quase impossíveis de trafegar (Frente Ampla de Notícias, v. 57, 03.11.79 a 12.12.79).

Na verdade, a preocupação com as lavouras de soja crescia na mesma proporção que aumentava a erosão, conforme se pode observar no discurso jornalístico. Tem-se assim, a introdução de um novo elemento na busca de soluções para controlar a erosão: o plantio direto, sistema que elimina a necessidade de arar a terra. Com uma semeadeira adaptada para este fim, o plantio acontecia rapidamente. Com a adoção do sistema, surgiu a dúvida se realmente o agricultor iria incorporar o novo modelo. Apesar de suavizar a erosão, com o plantio direto se deu o uso abusivo de herbicidas antes do cultivo, como forma de combater as ervas daninhas. Além disso, o sistema dispensou o uso do cultivador e, junto com ele, o trabalhador que realizava tais atividades. Assim, o novo modelo, mais sofisticado, é também mais econômico.

Acoplado ao eixo dianteiro do trator, o equipamento (cultivador) é controlado pelo próprio motorista, executando as mesmas manobras do trator. Os herbicidas, de odor extremamente forte, passavam a fazer parte do ar respirado na região. Além disso, outra consequência direta se relaciona ao desemprego, já que muitos trabalhadores rurais, os assim chamados "bóia-frias", lamentavam não ter mais trabalho.

EROSÃO PREOCUPA: SECRETÁRIOS VISITARAM LAVOURAS

Trata-se de lavouras onde o plantio de soja foi feito direto, sem lavrar a terra, com um implemento especial adequado para efetuar esse tipo de plantio sem que a terra esteja previamente lavrada e preparada[...]. Em virtude do grave problema causado pela erosão em suas lavouras, passaram a efetuar um plantio direto, algumas lavouras a mais de três anos e outras mais recentes, e o resultado obtido é considerado extraordinário [...]. É impressionante o controle da erosão, o que se constitui numa grande expectativa para os agricultores e também das autoridades, ficando apenas uma pergunta: Será que os agricultores se adaptariam a esse tipo de plantio, caso seja definitivamente comprovado o seu resultado, sem contra-indicações? Queremos crer que possa ser o início de um caminho, muito próximo do desejado por todos neste município, e também de toda a região (Frente Ampla de Notícias, v. 57, 03.11.79 a 12.12.79).

Sobre este aspecto, é preciso destacar os argumentos de Martine (1989) no que diz respeito à tecnificação e seus efeitos nocivos ao ecossistema em geral:

A preocupação com a nocividade da mecanização e a utilização de insumos químicos do pacote tecnológico prevalecente para o solo, os rios, a fauna, a flora e o próprio organismo

humano – particularmente em vista da necessidade de doses cada vez maiores de fertilizantes e defensivos – têm gerado uma polêmica mundial. A degradação de solos e a ocorrência generalizada da erosão são piores justamente naquelas áreas onde o pacote tecnológico obteve mais êxito, isto é, nas áreas de monocultura extensiva (MARTINE, 1989, p. 39).

Para fins comparativos a “Nota à Imprensa número 446/79” da Prefeitura Municipal, divulgada pela Chefia de Comunicação Social, apresentou os resultados da reunião com o então prefeito Verno Scherer, na qual um conjunto de temas pertinentes à conservação do solo foi discutido. Novamente o palco foi ocupado por integrantes do secretariado municipal, vereadores, representantes de cinco agências bancárias, chefe da ACARPA, coordenador regional de conservação de solo da ACARPA de Toledo e agrônomos. A ocasião contou também com a presença de representantes da Secretaria da Agricultura do Estado - núcleo de Cascavel, do DER, do presidente da Cooperativa, de engenheiro técnico e do presidente do Sindicato dos Trabalhadores.

As questões que envolvem a conservação do solo eram confusas para muitos dos agricultores. Como visto anteriormente, a história se repete, pois — tal como ocorreu com o desmatamento — as regras do jogo mudaram drasticamente de um momento para o outro: o agricultor que optou pela mecanização como forma de aumentar a produtividade, agora se vê obrigado a conter os prejuízos, causados ao solo com tal sistema. Um dos requisitos para a obtenção de financiamentos passa a ser, então, a conservação de 20 % da propriedade com mata nativa ou para reflorestamento. Como argumenta F no texto que segue:

O gerente do Banco do Brasil [...] nós se conhecemo. Quando veio o Banco do Brasil pra Rondon [...] começamo pedi financiamento para tal e tal, tantos alqueires [...]. Depois, mais um pouco, 20% tem que deixá da área [...] e foi assim (F, 05 mar. 1996).

As curvas de nível isoladas não foram consideradas suficientes para deter a erosão. Desse modo, foi estabelecido um conjunto de regras para combater a erosão, com destaque para a construção de microbacias através de crédito bancário. Como já se observou em outros documentos, somente seriam concedidos financiamentos mediante a conservação do solo, tendo como critérios de avaliação as propostas encaminhadas aos bancos a existência de iniciativas por parte dos agricultores, de práticas que não agredissem ainda mais a terra, tais como o plantio direto, o plantio em faixas, a extinção da queima da palha, o reflorestamento da mata ciliar, o reflorestamento das beiras de estradas, o planejamento melhorado das estradas, a adubação orgânica, a formação de desaguadouros com a vegetação, entre outras. Além disso, os agricultores não receberiam o auxílio do PROAGRO caso a lavoura não estivesse nos padrões de conservação, tidos como ideais. Na íntegra, as dez sugestões foram:

10 SUGESTÕES FORAM ANALISADAS PARA COMBATER A EROSÃO

A primeira sugestão é em relação a formação de microbacias dentro de áreas específicas, vinculando o crédito a conservação de solo. Esse trabalho já foi iniciado pela ACARPA e continua até o próximo ano no período entre safra soja/trigo [...]. Um item muito recomendado pelos técnicos nessa conservação, seria o vínculo de crédito bancário, cuja liberação segundo eles, deveria acontecer somente mediante a conservação feita adequadamente de acordo com as recomendações exigidas [...]. Em seguida foi proposta a discussão, o sistema de plantio direto, inclusive com exemplos práticos no município de muitas lavouras que estão sendo acompanhadas pelos técnicos da ACARPA e também da municipalidade [...]. Uma complementação dessa forma de plantio que seria a de plantio em faixas alternadas, em virtude de algumas plantas serem menos e outras mais propensas aos efeitos causados pela erosão [...]. A proibição da queima de palhas considerada um dos maiores males possíveis para destruição do solo como também o reflorestamento às margens dos rios e riachos foi bastante defendido,

principalmente, para conter as águas antes de chegarem e despejarem toda a terra neles. Nas margens das estradas deveriam ser plantadas vegetações permanentes para impedir o desmoronamento excessivo dos barrancos nas estradas [...]. A sugestão de um planejamento melhor nas estradas, que contribuam consideravelmente para o desenvolvimento dos aguadouros, destruindo além das lavouras, também as estradas. Adubação verde foi bastante cogitado, pois segundo os técnicos o teor de matéria orgânica em maior quantidade deixa o solo menos propenso a erosão [...]. Formar desaguadouros com vegetação, para que o escoamento da água possa ser feito sem prejudicar os canais. Também o uso excessivo de grades deverá ser bastante combatido de ora em diante, pois seria também grandemente prejudicial a manutenção do solo fofo [...]. Junto aos bancos será definitivamente solicitado o vínculo de crédito, para que nenhuma lavoura tenha mais investimentos sem na prática fazer a conservação de solo, inclusive ficando sujeita, toda a lavoura que não estiver devidamente conservada, a não obter o auxílio do PROAGRO (Frente Ampla de Notícias, v. 58, 12.12.79 a 28.01.79).

APONTAMENTOS FINAIS

Contudo, os efeitos da especialização na degradação sócio-ambiental são vizíveis na produção das exclusões que ocorreram principalmente por meio da incorporação de máquinas agrícolas. A atuação das cooperativas contribuiu decisivamente para a implantação do modelo de produção tecnificada. Por conseguinte, o incentivo à adoção de insumos e os reflexos da tecnificação afetaram os recursos naturais. As mudanças são ocorrências seguidas da dinâmica entre campo e cidade presente no contexto da estruturação do modelo seletivo.

Assim, em certa medida, o discurso indica um pensamento homogêneo diante das propostas e destaca as metas e programas governamentais, tendo como prioridade, agora, a conservação do solo. Muitas destas atividades de conservação foram realizadas, tais como a construção de microbacias, a adubação verde, o plantio direto, a readequação paulatina das estradas e a reposição da mata ciliar. No entanto, alguns destes procedimentos revelaram-se em parte desastrosos, principalmente a adoção do sistema de plantio direto, já que o mesmo prescindia do uso intensificado de agrotóxicos.

REFERÊNCIAS

- BRUM, Argemiro Jacob. *Modernização da agricultura no planalto gaúcho*. Ijuí : FIDENE, 1983.
- F. *Entrevista concedida a Marli Terezinha Szumilo Schlosser*. Marechal Cândido Rondon, 05 mar. 1996.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Paixão da terra : ensaios críticos de ecologia e geografia*. Rio de Janeiro : Socii, 1984.
- GUARESCHI, Pedrinho A. *Comunicação e poder : a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina*. Petrópolis : Vozes, 1985.
- KAGEYAMA, Angela (coord.) *O novo padrão agrícola brasileiro : do complexo rural aos complexos agroindustriais*. S. l : s. ed., 1987.
- MARTINE, George. *Fases e faces da modernização agrícola brasileira*. Brasília : IPEA, 1989. (Textos para Discussão, n. 15)

- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 1, 14.11.66 a 28.02.67.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 5, 15.10.68 a 20.03.69.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 19, 21.09.73 a 04.03.74.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 23, 31.07.75 a 14.11.75.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 26, 23.03.76 a 17.05.76.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 30, 21.10.76 a 10.12.76.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 31, 10.12.76 a 26.01.77.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 33, 01.03.77 a 31.03.77.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 35, 29.04.77 a 11.06.77.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 38, 10.09.77 a 21.10.77.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 40, 03.12.77 a 16.01.78.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 49, 21.12.78 a 05.02.79.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 57, 03.11.79 a 12.12.79.
- RÁDIO DIFUSORA. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon, v. 58, 12.12.79 a 28.01.79.
- ZAAR, Miriam Hermi. *A produção do espaço agrário : da colonização à modernização agrícola e formação do Lago de Itaipu*. Cascavel : EDUNIOESTE, 1999.